

IVANA ISIDRO



PERFIS DE PROFISSIONAIS
DO **TELEJORNALISMO**
EM **CAMPINA GRANDE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

IVANA RAFAEL ISIDRO SANTOS

MULHERES EM PAUTA: PERFIS DE PROFISSIONAIS DO
TELEJORNALISMO DE CAMPINA GRANDE

CAMPINA GRANDE
2023

Sumário

01 - LUCI LIMA: PASSOS DA VIDA ANALÓGICA PARA DIGITAL	09
02 - SANDRA PAULA AMORIM: UMA JORNADA PESSOAL DE DESCOBERTA E ADAPTAÇÃO NO DIGITAL	16
03 - WALÉRIA ASSUNÇÃO: A VOZ DO RÁDIO E DA TELEVISÃO	21
04 - POLLYANE MENDES: TELEJORNALISMO - PAIXÃO DE INFÂNCIA	25
05 - IZABEL RODRIGUES: AVENTURAS E DESVENTURAS NO MUNDO ESPORTIVO	29
06 - SAMARA FERNANDES: A JOVIALIDADE E A ROTINA DIGITAL NOS BASTIDORES DO TELEJORNALISMO	34
07 - MICHELE WADJA: VIDA DE REPÓRTER EM COBERTURAS INTERNACIONAIS	41
08 - LÍDICE PEGADO: VÍDEO REPORTAGEM E A NOVA GERAÇÃO DO JORNALISMO	46

Prefácio

A cada dia que passa o jornalismo ganha o que podemos chamar de novas definições, tanto teóricas quanto práticas. O novo não surge para substituir o que é conhecido desde o princípio, mas para acrescentar a um dos ofícios mais importantes para o desenvolvimento em suas mais diversas nuances. Ganha, ainda, mais atribuições, enquanto uma das atividades mais passíveis a atualizações no decorrer do tempo, especialmente marcada pelos avanços velozes e gradativos da tecnologia. E olha, muita coisa mudou!

Essa história, ou melhor, essas histórias, não poderiam ser contadas de forma mais rica do que por quem viveu e vive diariamente o jornalismo como propósito de vida. Por quem embarcou em suas mais distintas missões, passou por muitas de suas transformações e encarou os mais apaixonantes desafios para senti-lo pulsar nas veias. São para essas narrativas que Ivana Isidro dá voz neste livro. Elas todas – inclusive a autora – fazem parte da história.

Inspiração... Cada um tem a sua, as suas. É sobre inspirações o relato destas linhas. Elas fazem brilhar os nossos olhos e enchem os nossos corações de vontade e coragem para trilhar caminhos. Nestas páginas, Ivana Isidro vai além das inspirações. A jovem jornalista traz para mais perto de muitos a trajetória de oito grandes referências, não só para ela, mas para qualquer coração que ouse sonhar com o jornalismo e que sonhe em ousar com a profissão.

Este prefácio não repetirá o que Ivana relata ao longo do livro. Por outro lado, tenta dimensionar – se é que isso é possível – o que essas mulheres escolhidas a dedo representam para a profissão, o quanto contribuem para um mundo melhor e uma sociedade mais justa, o quanto são exemplos para a caminhada que tantas outras estão trilhando.

Luci Lima, por exemplo, é uma força da natureza. Não tem nada que ela faça que não alcance o nível de, no mínimo, impecável. Tem um senso profissional altamente humanizado. A rotina corrida de uma redação não é capaz de desviá-la do propósito do bom jor-

nalismo que, nesse caso, é excepcional jornalismo. Ela tem sede de conhecimento e, quanto mais o tem, não suporta guardá-lo para si. O multiplica enquanto o propaga no auge de sua generosidade.

E se comportamentos definissem os tipos de profissionais, assim como algumas características moldam e conceituam gêneros e tipos de textos jornalísticos, Sandra Paula certamente seria expert em elegância. A voz sedosa se apresenta para transcender uma profissional que foge do óbvio. É símbolo de serenidade na rua e na redação. Sem alarde, dá conta de todo e qualquer recado. É alguém para ser vista e lembrada. É alguém para se ter como espelho.

Enquanto isso, Waléria Assunção é uma contadora de histórias irretocável. Os limites do tempo da reportagem de televisão não a impedem de costurar uma linha com a outra e conectar absolutamente tudo, inclusive a atenção de telespectador ao que é contado. Tudo o que é mais importante é dito e se torna conhecido. Tudo que é detalhe transborda junto com a sensibilidade da experiência. Waléria é questionadora e cobra de forma enérgica, como ninguém, o que é pleito de muitos. No sofá de casa, não há quem fique sem resposta. Pollyane Mendes é digna de toda admiração. Ela é grande, é jornalismo em movimento, dinamismo e leveza. Ela é excelente sozinha, mas sabe partilhar a sua função. Tem um estilo clássico, mas arrojado o suficiente para lançar olhares para além do que a maioria vê. Está a um passo sempre à frente.

E o que falar de Izabel Rodrigues se não for para dizer que ela é o exemplo mais perfeito de alguém que luta pelos seus próprios sonhos. Ela sabe muito bem o que é agarrar uma oportunidade. Cada uma – integralmente muito bem apreciada – levou à outra. E todas se tornaram motivos para brilhar. Talvez a origem sertaneja faça com que Izabel seja solar. Ela não precisa se esforçar para ser boa. Ela também é polivalente sem esforço.

Samara Fernandes é dedicação pura e genuína. Ela precisou lutar muito para chegar onde chegou. Hoje, ocupa um espaço que não tem a cara de mais ninguém que não poderia ser de outro alguém. É uma editora com garra, competência e determinação.

Michele Wadja é um acontecimento. Nos livros ou nas telas, a jornalista e professora domina absolutamente tudo em audiovisual. Ela

gosta de aventuras, mas seria um pecado atribuir a ela a condição de aventureira. Na Paraíba ou do outro lado do mundo ela não dá apenas show de bola, mas muito além disso, um espetáculo de jornalismo.

Lídice Pegado tem a energia de todo início bom. Topa qualquer parada e não deixa nenhuma delas para amanhã. Com ela, é tudo para hoje, para ontem, para o quanto antes for possível e até mesmo impossível. Como produtora, é uma máquina, não deixa nada sem registro. Constrói laços com as fontes com grande naturalidade. Além de tudo isso, ainda é uma camaleoa, se adapta a qualquer função com maestria, pois, acima de tudo, lhe sobra boa vontade. Vontade de fazer acontecer. É a aposta de um futuro que já começou.

Por fim, existe alguém que não teve tanta história contada nas laudas deste livro, mas também merece reverência. A autora, Ivana, é incansável na tarefa de aprender. É bonito de se ver, de ser testemunhado. E quando o aprendizado transborda, vira registro. Assim como fez nesta obra que marca e rememora a história de mulheres jornalistas que assumiram na vida a função de servir para um bem maior. O jornalismo feito por mulheres é notável, é extraordinário. É o que mais chega perto e alcança, de fato, a perfeição.

Iara Alves
Jornalista e Poetisa

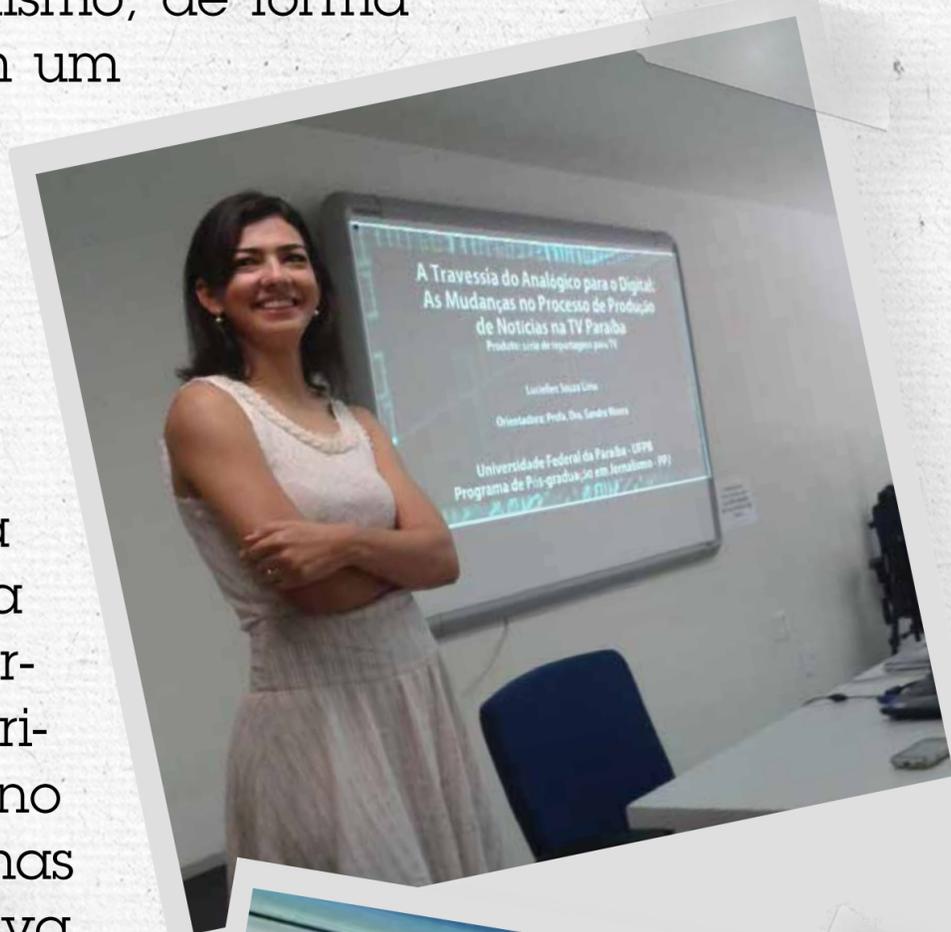
LUCI LIMA

PASSOS DA VIDA ANALÓGICA PARA DIGITAL

Em uma tarde de quinta-feira e em um ambiente bem diferente de uma redação jornalística na sala de estar de casa, a jornalista Luciellen Lima se sentiu à vontade e começou a compartilhar a história dela com o telejornalismo, de forma agradável e descontraída. Com um olhar nostálgico, iniciou uma verdadeira viagem ao tempo e lembrou com carinho dos momentos em frente e por trás das câmeras.

Se definindo como uma pessoa determinada e que gosta de vivenciar desafios, ao ser perguntada quem era, deu uma risadinha e com um pequeno suspiro respondeu de duas formas a pergunta: De forma objetiva, compartilhou que estava concluindo o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e trabalhando como jornalista concursada na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), mas como uma boa pessoa questionadora e reflexiva, a resposta vai muito além de um currículo completo e cheio de experiências.

“Eu acho que na verdade a vida é uma eterna busca de quem é cada um, e essa é uma resposta muito difícil. Quem é você a partir de qual perspecti-





va. Eu sou muito questionadora e muito reflexiva, e, então, fico sempre refletindo sobre as coisas. Quem eu sou a partir dos olhos dos outros, o que as pessoas veem e quem eu sou a partir do que me vejo, ou do que eu consigo enxergar pelo menos, porque muita coisa nossa a gente não enxerga e às vezes, mais lá na frente, você percebe algumas coisas do passado e começa a entender quem era você no passado. Enfim, mas eu acho

que sou uma pessoa que não me acomodo. Então, se eu percebo que uma situação não está confortável para mim ou se naquela situação já consegui extrair tudo que podia para meu crescimento e também o que tinha à contribuir com a situação, eu não tenho medo de mudar e ir em busca de outros caminhos, ir em busca de lugares desconhecidos, coisas que nunca fiz e de aprender coisas diferentes. Sou uma pessoa muito questionadora, mas também sou muito curiosa no sentido de gostar de aprender coisas diferentes e de assumir desafios”, falou.

Ao prestar vestibular, Luciellen ficou dividida entre dois cursos e ainda chegou a cursá-los de forma simultânea. Ao chegar à etapa final de ambos os cursos escolheu concluir Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na UEPB, vendo a oportunidade de iniciar a carreira na área como jornalista. Apesar de ter vivenciado muitas experiências em frente às câmeras, com um sorriso no rosto confessa que inicialmente gostava dos bastidores da televisão e não se imaginava na parte de reportagem.

A partir de uma oportunidade na televisão, começou a sua caminhada como apresentadora e repórter. Com um olhar nostálgico, relembra que Polion Araújo, jornalista de Campina Grande, teve grande importância na sua construção como apresentadora e também como jornalista. Após a experiência na TV Itararé (afiliada

da TV Cultura em Campina Grande - PB), começou uma caminhada na TV Paraíba (afiliada da Rede Globo em Campina Grande - PB), ainda como repórter e se reencontrou com os bastidores da televisão, atuando também na parte de edição.

"O que aconteceu foi a oportunidade que surgiu e eu lembro que foi na aula da saudade. O professor Rômulo, que na época estava montando a equipe da TV Itararé, estava na minha aula da saudade, que foi em janeiro, e a TV tinha começado em outubro. Na aula da saudade eu apresentei a cerimônia com outra colega. Logo após, ele me chamou para fazer um teste, porque estava abrindo um segundo telejornal e estava em busca de alguém para apresentar junto com Polion Araujo. Na hora fiquei pensando como podia, uma pessoa recém-saída da universidade e sem experiência apresentar um telejornal, mas mesmo assim fui fazer o teste. Rômulo gostou do que vi e apresentou uns vídeos que eu gravei aos donos da TV, que inicialmente me acharam muito nova, mas ele apostou em mim como uma nova geração do telejornalismo e acabei ficando na vaga", compartilhou a jornalista.

Assim como outros jornalistas, Luciellen vivenciou de perto a chegada da televisão digital. Como objeto de pesquisa de seu mestrado, iniciado em 2013 e finalizado em 2015, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a jornalista estudou a transição da televisão analógica para digital na TV Paraíba, uma das emissoras que trabalhou, documentando todo o processo em vídeo e produzindo quatro grandes reportagens. A partir da sua pesquisa, compreendeu como a transição funcionou na prática para o jornalismo.

Com a chegada da TV Digital, uma das expectativas era criar a interação em tempo real entre o telespectador e os apresentadores, através do controle remoto. Na mesma época, surgia também a Smart TV, que através dela, poderíamos usar a internet e ter acesso às plataformas como, por exemplo, o YouTube. Com isso, as empresas viram mais vantagens em investir em um aparelho que permitiria o acesso à internet e à TV digital não ganhou tanto espaço como as Smart TVs.

A transição foi mais nítida para produção nas redações, com a mudança das câmeras e a agilidade na transmissão das imagens

redação. A redução de aparelhos e uso da internet contribuíram para uma produção mais rápida: "O que antes no sinal analógico você fazia com um caminhão, o caminhão de link, para transmitir qualquer imagem, no digital fazia com poucos equipamentos e vários chips que entravam na internet para enviar de forma muito rápida para redação", lembrou.

O modo de editar também ganhou novas características, o uso dos programas de edição Adobe Premiere, empresa Adobe, nas redações marcou a transição das fitas para os cartões de memória. Uma matéria que era gravada em ordem cronológica e sem opção de mudança, ganhou vida nas telas dos computadores e trouxe mais liberdade para os editores imaginarem a matéria com outro olhar além dos repórteres. A jornalista ressalta que a partir dessas mudanças passaram a ter uma melhor visualização do material produzido, surgindo novas possibilidades como, por exemplo, inserir efeitos nas matérias

A era tecnológica reformulou a forma de produzir conteúdo, através da facilidade com os smartphones e advento das redes sociais. Luciellen vivencia no seu dia a dia essa nova realidade, observando o desafio dos profissionais em produzir matérias diante da era das Fake News e o imediatismo que pessoas leigas têm acesso aos fatos. A jornalista destaca que uma notícia transmitida pelo WhatsApp, ganhou mais credibilidade do que matérias feitas com apuração e responsabilidade.

"Nas redes sociais as pessoas estão cada vez mais perdendo a noção do que é e o que não é jornalismo, porque qualquer pessoa pode tirar foto de um acidente e postar com algumas informações, sem apurar com critérios jornalísticos em uma página de notícias, seguindo algum critério, colocando algumas imagens e informações da vida real. As pessoas, cada vez menos, estão conseguindo distinguir o que é notícia e o que não é, ao mesmo tempo quando tem muita oferta de informação a valorização do jornalismo cai e entre o cenário das Fake News, onde ninguém acredita mais em nada. Hoje tem um público que, por um lado, evita notícia, que não consome e não quer por diversos motivos, tem outra galera que não confia mais e quer saber do que os outros estão falando nos grupos do WhastsApp", ressaltou.

Durante a caminhada como apresentadora e repórter, Luciellen vivenciou a experiência de ter uma produção mais perto dos telespectadores fora e dentro da redação. Como reconhecimento pelo trabalho que desempenhava, as pessoas nas ruas a paravam, faziam muitos elogios, algumas vezes foi assediada pelo fato de ter a imagem conhecida da televisão, surgiam por parte de alguns homens elogios constrangedores e às vezes mais incisivos. Nas redações que trabalhou, não sentia muito a diferença de gênero, tendo um ambiente de trabalho misto e com diversos cargos.

Apesar disso, a jornalista relembra as experiências em pautas esportivas: “Não gostava de cobrir jogo, porque no final você tinha que entrar nos vestiários e encontrava uma estrutura péssima para o jornalismo. Eu e outras mulheres encontrávamos um ambiente constrangedor, onde os jogadores estavam se trocando e tomando banho. Íamos entrevistar o técnico e os jogadores, alguns desconsideravam as perguntas feitas por nós mulheres, por não sermos especialistas, que na época só tinham homens cobrindo o jornalismo esportivo, e sempre que queríamos fazer uma pergunta mais incisiva a resposta era irônica”, contou.

Através das experiências na reportagem, Luciellen exercitou muito o poder da escuta. Durante a passagem como repórter nas redações que trabalhou, conheceu muitas histórias e com olhar nostálgico afirma que gostava muito das produções de matérias na rua. Ao ser perguntada qual história mais lhe marcou, confessa que ficou pensando em como iria respondê-la, mas lembrou com carinho uma:

“Tem uma que me emocionou bastante na época, íamos fazer uma matéria e a produção ligou nos mandando para outro lugar. Nesse dia, uma mãe tinha ido na delegacia dar queixa do próprio filho, porque ele chegou em casa drogado, quebrou tudo e estava ameaçando matá-la. Ela contou que isso já tinha acontecido várias vezes e decidiu denunciar, não por raiva, mas por amor ao próprio filho, por não saber mais o que fazer e talvez ele preso fosse melhor do que solto fazendo tudo isso. Isso me tocou muito, me passaram o endereço dela e no caminho para lá fiquei imaginando a situação dessa mãe. Nesses casos, eu sempre conversava com a equipe e pedia mais cautela na abordagem para deixar à vontade o entrevistado. Ao chegar na residência, comecei a conversar e ela foi me

mitiu gravar dizendo que queria que outras mães a escutassem e que o governo também, para ver se conseguia outras formas de tratamento gratuito. Quando estávamos gravando, o rapaz chegou depois de ameaçar ela na noite anterior, ter ido embora, a mãe ter dado queixa na polícia e ele sabia disso voltando transtornado. Eu não sabia se o homem estava armado ou tinha uma faca, porque não sabemos o que uma pessoa transtornada é capaz de fazer”, falou.

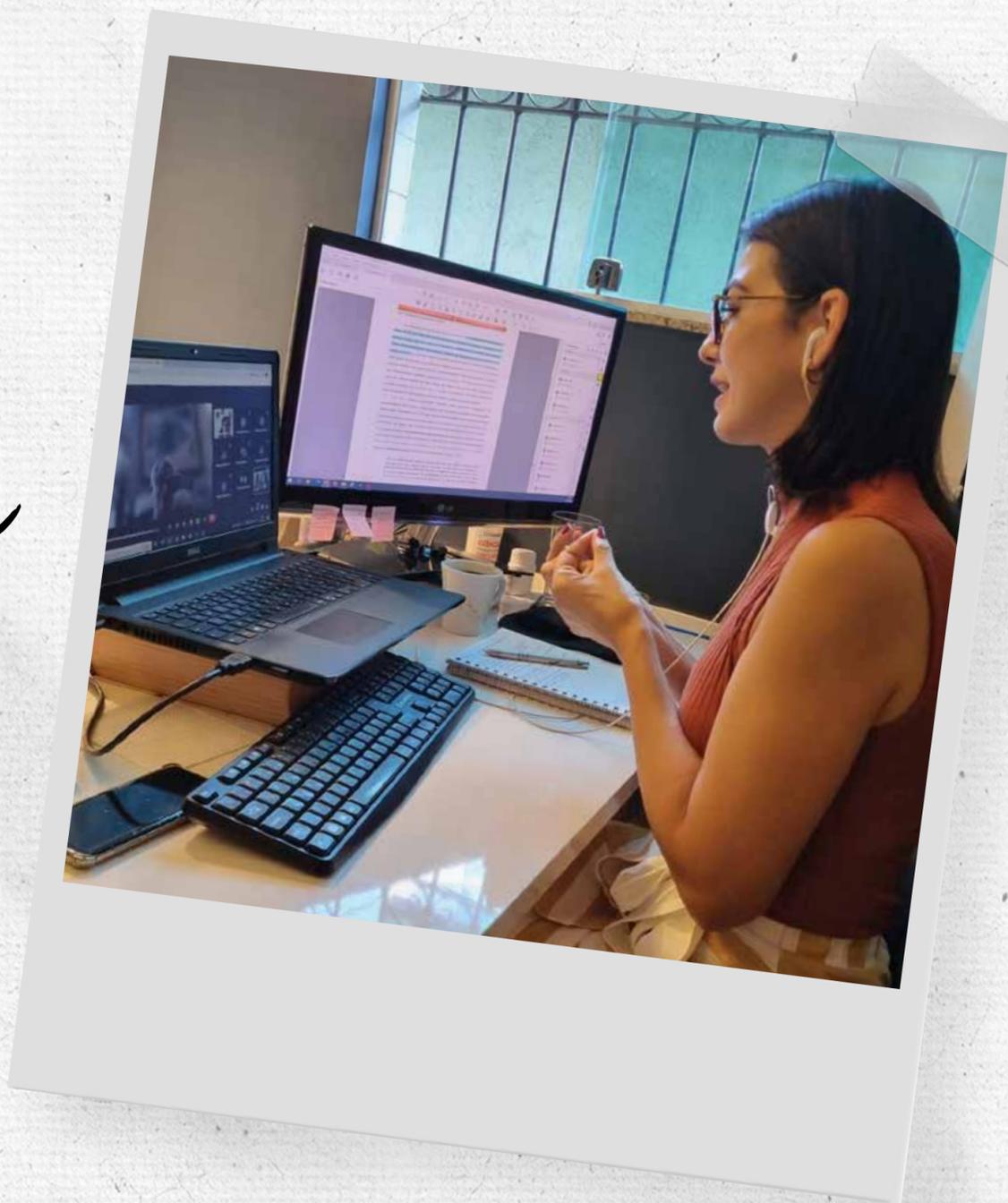
A jornalista vivenciou momentos de desespero, com medo do rapaz fazer algo com ela e a equipe. Apesar do susto, nada aconteceu a ninguém durante a tentativa de entrevista, mas depois de quase dois anos ela teve uma surpresa: “Um tempo depois, um ano ou dois, eu recebi uma mensagem no Facebook de um rapaz, que me enviou um texto enorme e quando fui ler era esse rapaz. Era um depoimento dele dizendo que depois que a reportagem saiu e a repercussão dela, fez ele repensar e, a partir daí, foi o impulso que precisava para ir para reabilitação. Tinha se reabilitado, estava noivo e prestes a casar, chamando a gente para o casamento dele. Eu chorava lendo esse negócio na redação e todo mundo perguntando o que era. Falei com ele e combinamos fazer outra matéria, mostrando o que aconteceu na época e contar a trajetória de superação dele. Foi a mesma equipe gravar, nunca imaginei que uma reportagem, essa reportagem, fosse trazer algo tão bom para essa família e fiquei extremamente feliz”, relembrou emocionada.

Apesar de não estar mais atuando como repórter de televisão, Lucielen segue a trajetória como jornalista efetiva na Coordenadoria de Comunicação (CODECOM) da (UEPB). Ao ser perguntada onde se imagina futuramente, falou rapidamente na área acadêmica, sendo profes-



sora efetiva de Jornalismo em alguma universidade, podendo ensinar aos alunos um jornalismo mais humanizado e que vai muito além do que só a técnica. Na parte pessoal, olhou para o marido e com uma risada disse: “Me imagino com dois ou três filhos, ‘né’, Raul? Continuar aprendendo outras coisas e vivendo um período mais tranquilo”.

*Luci
Lima*



SANDRA PAULA

UMA JORNADA PESSOAL DE DESCOBERTA E ADAPTAÇÃO NO DIGITAL

Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a jornalista Sandra Paula Amorim começou a trajetória profissional através do jornalismo impresso, no antigo Jornal da Paraíba e, logo após, iniciou a duradoura relação com o telejornalismo. O despertar para a comunicação partiu da paixão por escrever e por incentivo do esposo, guiando-a a conhecer o universo do jornalismo e também do telejornalismo.



“Nunca sonhei em ser jornalista e apresentadora, as coisas foram acontecendo por gostar de escrever e meu marido, que na época era meu namorado, viu um texto meu e me disse que eu devia fazer Comunicação. Fiz Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba, e durante o curso me percebi como uma pessoa que gostava de escrever e tinha facilidade na escrita. Prestei vestibular na época e entrei na universidade, mas eu não pensava em ser jornalista”, compartilhou Sandra.



As experiências no jornal impresso proporcionaram uma bagagem muito importante para ela e a preparou para a jornada no telejornalismo. Um dos primeiros contatos de Sandra com a televisão foi em 2001, quando iniciou na Rede Paraíba de Comu-

nicação, afiliada à Rede Globo em Campina Grande - PB, onde vivenciou um ritmo de produção sem muitos aparatos tecnológicos e com uma equipe de reportagem bem completa. Essa história com a emissora durou mais de 12 anos, lhe proporcionando alguns encontros e reencontros.

Com a transição da televisão analógica para a digital, a forma de produzir notícia foi modificada, reestruturando as redações e trazendo mudanças para os profissionais da área. Ao retornar para a Rede Paraíba em 2016, depois de uma experiência de trabalho na TV Itararé (atual Rede ITA, afiliada da TV Cultura na Paraíba), a jornalista conheceu de perto esse novo formato de produção, que foi implantado em 2011 no sistema de comunicação e também pôde notar as mudanças trazidas pela televisão digital. Com utilização da internet e melhoria nos equipamentos, Sandra pôde vivenciar a transição, por exemplo, dos links para as transmissões ao, como explica:

“Quando voltei, em 2016, acompanhei de perto as mudanças e estava tudo muito diferente. Os equipamentos de câmera não eram mais os mesmos, tinha que ser um equipamento específico para o digital e a questão dos flashes ao vivo, que antes íamos no carro da reportagem e atrás tinha um caminhão enorme com aquela antena que parava para realizar as transmissões. Passou a ser uma simples mochila com todos os equipamentos, conhecida como mochilink, em algumas emissoras, para transmitir à distância, através da internet”, lembrou.

A evolução dos aparelhos móveis também proporcionou mudanças ao telejornalismo, com uma comunicação mais rápida entre o repórter e a redação. Sandra observa que a realidade dos smartphones estão sendo bem aceitas nas redações, dando liberdade ao jornalista para pensar em conteúdos independentes e trabalhar, posteriormente, como sugestão de pauta para o veículo de comunicação. Apesar de proporcionar muitas vantagens, ela evidencia que o lado negativo é a descredibilidade da profissão. “Hoje todo mundo acha que é repórter, que podem pegar um celular e fazer uma matéria. O diferencial está exatamente nas técnicas que aprendemos na universidade, o que é o jornalismo, como se faz o jornalismo, aquelas perguntinhas: “O que, quem, quando,

onde, como, por quê?”. Elas são muito importantes, parecem simples, mas são importantes quando vamos para o jornalismo, porque aprendemos na universidade que precisamos checar as fontes de informação, não podemos ser veículo de transmissão de Fake News e para passar uma notícia direta tem que ter uma linguagem clara. Então, as pessoas não sabem disso e querem mostrar aquele fato, mas estão distantes das técnicas que o jornalismo precisa para que a notícia seja compreendida e também tenha a credibilidade das pessoas”, ressaltou.

As redes sociais trouxeram uma nova forma de se comunicar, demandando uma reestruturação nas produções jornalísticas. A realidade da produção crossmídia e transmídia vem sendo inserida não apenas nas redações do telejornalismo, mas também em veículos como o rádio. A jornalista destaca que essas mudanças trazem mais liberdade para o telespectador, permitindo que acessem a matéria, posteriormente, através das plataformas digitais e utilizem esses meios para participarem de forma mais ativa.

Diante da inserção das mídias digitais nas redações, os profissionais estão vivenciando a realidade de ser um profissional multiplataforma e se adaptando ao novo contexto. A partir dessa nova realidade de produção, Sandra ressaltou que a linguagem é algo que vem se transformando para atingir não apenas o público mais tradicional, mas também os usuários das redes sociais que participam de forma ativa. Além da linguagem, há também a necessidade de o profissional adaptar sua escrita para os meios digitais.

“Se você vai fazer uma postagem no Instagram, se usa aquela linguagem do jornalismo, as pessoas não teriam tanto interesse em ler. Você pode ser uma empresa de comunicação, mas aquele meio te diz que precisa ter uma linguagem mais acessível a todos. Parece com televisão, em parte, porque quando se escreve para o telejornalismo você precisa escrever para todos os públicos, do mais intelectual à aquele que não tem tanto estudo, nas redes sociais é mais ou menos isso. A linguagem tem que ser fácil, mas exige uma técnica que prenda atenção das pessoas, que ela consiga ler seu texto do início ao fim, mas também começa as redes

sociais a prender mais a atenção pelo vídeo, quando grava com a linguagem específica e precisa dominar, por exemplo, qual é a linguagem do YouTube, do Instagram e do meio do jornalismo on-line”, compartilhou a jornalista.

Durante a trajetória no telejornalismo, Sandra vivenciou muitas histórias marcantes e relembra com carinho de alguns momentos importantes: “Fases marcantes foram as matérias exibidas a nível nacional, em programas como o Globo Rural, Jornal Hoje, no Bom Dia Brasil, no Encontro com Fátima Bernardes e no Caldeirão do Huck. Eu ficava achando muito legal quando assistia minhas matérias em rede nacional, é como se fosse a premiação do seu trabalho diário e esses momentos foram muito marcantes para mim”, lembrou.

Além de ter conquistado visibilidade nacional, a jornalista também vivenciou histórias como a crise hídrica do Açude de Boqueirão e a morte do humorista Shaolin: “Eu fiz reportagens especiais do Açude de Boqueirão, fizemos uma série de reportagens quando o açude estava naquela crise hídrica e me marcou por termos sobrevoado de helicóptero o açude. Eu precisava realmente contar essa história de uma maneira muito natural para que as pessoas entendessem a situação crítica que estava acontecendo. Outro momento que me marcou foi a morte de Shaolin, porque ele era muito meu amigo e eu cobri a morte dele, infelizmente ele faleceu muito jovem. Nesse dia fizemos uns dez flashes ao vivo para o Encontro com Fátima Bernardes e aquilo me marcou, porque perdi um amigo ao mesmo tempo que me vi a nível nacional”, recordou Sandra.



Fora das telinhas, Sandra Paula atualmente está se dedicando à área acadêmica. Com o doutorado em andamento, Sandra se

sente estimulada através do projeto de pesquisa, se identificando com a área de redes sociais e mídias digitais. Na vida pessoal, segue ao lado da família sendo esposa e mãe, fortalecendo o lado espiritual.



*Sandra
Paula
Amorim*

WALÉRIA ASSUNÇÃO

A VOZ DO RÁDIO E DA TELEVISÃO

Com uma trajetória marcante no telejornalismo, a jornalista e radialista Waléria Assunção começou a história com a comunicação na pequena cidade onde nasceu, no Ceará, e através do rádio conheceu a cidade universitária Campina Grande - PB. Apesar de já atuar na área e diferentemente de alguns profissionais e estudantes que decidem cursar Jornalismo, Waléria se imaginava trabalhando com economia e cálculos. Ainda no estado do Ceará, fez o curso de radialista e começou a trabalhar em uma rádio, e só depois despertou o desejo e a curiosidade de se aprofundar mais na área.



"Terminei o ensino médio na minha cidade, Barro no Ceará, que fica na divisa entre o Ceará e a Paraíba, com o conhecimento entre as pessoas da minha cidade que já estudavam aqui fui conhecendo mais sobre a cidade, a partir dessa ajuda e indicação que Campina tinha boas faculdades e por já trabalhar em rádio, foi algo que despertou o meu interesse em fazer Jornalismo", relembrou com nostalgia.



Com determinação e empenho, a estudante, já no primeiro período da universidade, conseguiu adentrar no mercado de trabalho. Através da experiência na área do radiojornalismo no Ceará

e com o registro (DRT) de radialista, Waléria saiu distribuindo currículo e demonstrações do trabalho gravadas em fitas pelas rádios da cidade, conseguindo a primeira oportunidade na Rádio Borborema. Após três meses trabalhando lá, recebeu o convite para ir também para a emissora televisiva do mesmo grupo e, assim, começou uma relação com o telejornalismo.

“Eu não tinha pensado em televisão realmente, porque eu vim da rádio e achava que o lugar que talvez conseguisse emprego mesmo seria a rádio, mas por estar em um grupo que tinha rádio e TV, tive essa possibilidade. Fui amadurecendo no dia a dia mesmo, porque eu era fera ainda na universidade, não tinha visto nem cadeira de Telejornalismo e nada da teoria ainda. Foi muito ao contrário, pegando a prática para depois vir a teoria”, compartilhou dando uma risada.

Waléria compartilha que se sente privilegiada por não sentir essa diferença por onde já passou na vivência profissional, destacando que sempre foi levado em conta mais o perfil do profissional e o tipo de produto que aquele profissional podia entregar. A jornalista ressalta e observa que a área do telejornalismo proporciona espaços para as mulheres.

“Na TV eu vejo que é muito pelo contrário, ela tem um espaço para as mulheres. Até bem pouco tempo, a gente até brincava que nós somos maioria aqui na redação. E eu vejo que, de uns tempos para cá, buscam inclusive perfis que tenham representatividade na sociedade, que consigam agregar todos esses valores profissionais e pessoais, mas que tenham representatividade para mostrar essa pluralidade também na televisão”, ressaltou.

Desde o início dessa caminhada no telejornalismo, Waléria já vivenciou de perto algumas transformações na área. A redução da equipe foi uma das mudanças. Inicialmente iam para a rua com um grupo de quatro pessoas, incluindo o repórter, e utilizavam uma enorme lista de equipamentos. Por não ter a facilidade do smartphone, relembra dando uma risada que usava um rádio comunicador no carro para entrar em contato com a redação. Já a partir da transição da televisão analógica para digital, as mudanças aconteceram não apenas na qualidade do som e da ima-

gem. Com o surgimento da era digital, desencadeou novas formas de produzir conteúdo e trouxe mudanças para as produções jornalísticas. Através do avanço da tecnologia e a melhoria nos equipamentos, a jornalista destaca como essas mudanças colaboraram para uma produção mais rápida da notícia e a facilidade que os meios tecnológicos proporcionaram.

“Antigamente você não tinha como mandar aquela imagem pela internet, não tinha como fazer uma transmissão via link, mochilink como a gente chama, você chegava com aquela fita para descarregar na redação, para o editor retirar aquele material todo e depois começar a editar. Hoje não, você está no local e o digital lhe permite isso, só é necessário ter sinal de internet e rapidamente transmite aquela imagem sem ter que ir para redação. Então, a notícia chega mais rápido, com mais qualidade e lhe dá mais mobilidade”, compartilhou.

Com a imersão na era do ciberespaço e o surgimento das redes sociais, as redações passaram a produzir também conteúdo voltado para o público das mídias digitais. Através de uma abordagem diversificada, a emissora que Waléria trabalha atua de forma ativa nas redes sociais, compreendendo que é um público distinto que está presente nesse universo e a importância de atingir esse público também. A jornalista compartilha que as redes sociais são muito utilizadas para pautar temas importantes como, por exemplo, a greve dos caminhoneiros que aconteceu no Brasil em 2018, mas também são utilizadas para compartilhar os bastidores da televisão que também é algo que capta a atenção dos telespectadores.

Desde o início da carreira, a jornalista já conheceu diversos personagens e compartilhou muitas histórias. Contou de forma breve que já vivenciou tantas histórias que ao longo dos anos acabou esquecendo, mas lembrou de uma que marcou muito. Após uma pausa curta, ajeitou a postura na cadeira e recordou com um olhar distante a história que vivenciou a caminho de outra pauta que a marcou de forma pessoal.

“Eu trabalhava em outra emissora ainda, em cobertura de carnaval, na época em Cajazeiras, estávamos no meio do caminho e

recebemos uma ligação da redação avisando que tinha acontecido um acidente. Essa história me marcou, porque o acidente tinha sido na minha cidade no Ceará e aí eu fui com o coração na mão. O ônibus tinha virado em um açude com 48 pessoas e esse ônibus estava passando na minha cidade, não sabia se ia encontrar pessoas conhecidas e tudo mais. É algo que marcou de forma negativa, porque lembro que foi muito impactante pra mim a cena quando chegamos lá no outro dia e estavam retirando os corpos. Enfim, foi uma coisa muito pesada e até hoje quando passo na estrada indo de férias visitar minha família lembro desse dia”, relatou a jornalista.

Resgatando a bagagem de 25 anos de trajetória, relembra a vivência de reportagem na rua, nesse tempo, e todo aprendizado adquirido e projetando algumas metas e sonhos para daqui a alguns anos, Waléria não imagina a vida fora do jornalismo. Após um breve silêncio, pensou rapidamente e começou a compartilhar onde se imagina futuramente:

“Algo que ainda me vejo também fazendo por muito tempo é o rádio, onde eu comecei e retornei há quatro anos, foi meu início que despertou para comunicação e o rádio é onde me vejo envelhecendo, fazendo jornalismo opinativo, comentarista e, apesar das redes sociais estarem aí, eu gosto dos veículos tradicionais, da comunicação falada e tentar atingir as pessoas através de uma opinião, de uma reportagem, de uma entrevista, tentar extrair algo das pessoas e cobrar, porque esse é o maior papel da gente tentar fazer a diferença, ser aquela pessoa que questiona, que leva a cobrança e leva as demandas da população”, finalizou.

*Waléria
Assunção*



POLLYANE MENDES

TELEJORNALISMO - PAIXÃO DE INFÂNCIA

O dom para se comunicar foi descoberto ainda quando criança, se sentindo muito à vontade em frente às câmeras fazendo comerciais e campanhas publicitárias. Assim nasceu o amor pela comunicação e a relação da empreendedora, jornalista e mãe Pollyane Mendes com o universo do jornalismo. Emocionada, relembra que foi aquela garotinha que lhe incentivou a ir em busca dos sonhos e nunca desistir.

Antes mesmo da graduação, a jornalista já encontrou espaço no telejornalismo e começou a atuar na área. A convite, iniciou a trajetória na TV Itararé (atual Rede Ita, afiliada da TV Cultura), desde o início da emissora em Campina Grande - PB, tendo o primeiro contato com o jornalismo cultural. O programa Diversidade abriu portas para outros trabalhos na emissora, onde iniciou, ainda como estagiária, e por lá teve a possibilidade de conhecer outras áreas e conhecer pessoas que a marcariam para toda a vida. Durante o período como estudante na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), as teorias da Comunicação despertaram a curiosidade para se aprofundar mais, mas a televisão sempre foi algo que a conquistava. "A televisão sempre me cativou de forma espontânea, nunca pensei em fazer rádio. Já fiz rádio também, há uns dois anos que experimentei e gostei, mas eu acho que televisão tem seus encantos, minha geração foi criada assistindo televisão, que foram crianças nos anos 90, então fomos muito educados através dela", compartilhou a jornalista.



Como uma das funcionárias mais antigas da Rede

ITA, vivenciou experiências marcantes na sua vida profissional e pessoal. Após a experiência no programa Diversidade, foi convidada a formular o próprio programa intitulado Trilha Sonora, onde ficou alguns anos e teve a oportunidade de entrevistar grandes nomes da música brasileira. Durante a experiência no programa Trilha Sonora, entrevistou cantores como Oswaldo Montenegro e Guilherme Arantes.

Recentemente, a emissora que trabalha adentrou em uma nova etapa e a jornalista iniciou mais um novo desafio na carreira. Com a nova era da Rede Ita, Pollyane passou a experimentar uma produção mais próxima aos telespectadores, sendo um canal direto entre a notícia e o público-alvo. À frente do ITN Notícias, jornal diário da emissora, passou a dividir a bancada com o colega Felipe Valentim e tem um contato mais direto com as notícias factuais.

Diferentemente das outras experiências já vivenciadas, sente um constante frio na barriga ao apresentar um telejornal ao vivo e isso é uma das experiências que ela mais gosta. "O jornalismo hard news, o setor que estou agora, para mim é novidade. Não tem tempo de ficar fazendo muita coisa na matéria, não tem tempo de tratar nada não, é tudo muito rápido. Então, chegou a notícia e 'pá, pum', esmiúça o máximo que puder para trazer. Sobre dividir a bancada com outra pessoa, já dividi com Hermano Júnior a apresentação do Diversidade, mas era gravado, a gente se divertia mais e a linguagem era mais despojada. Já com Felipe Valentim é ao vivo, todo dia é uma adrenalina nova, então estamos sempre naquela produção frenética", disse ela.

Diante da nova estrutura nas produções de conteúdo da emissora, as redes sociais pessoais da jornalista e da emissora se tornaram lugar de sugestões de pauta. Com a era da tecnologia, os telespectadores passaram a ser consumidores ativos, demonstrando mais interesse e aumentando a cobrança referente às soluções dos problemas cotidianos. Com o imediatismo das redes sociais, a checagem dos fatos passou a ser algo mais rápida, mas permanece a premissa de noticiar com credibilidade e responsabilidade. Cada rede social se expressa em uma linguagem diferente, sendo incorporada nas redações aos poucos. A televisão vem buscando

se adaptar à nova era tecnológica e transmitir a notícia de forma acessível. “Quando se trata de notícia, a gente tenta fazer uma linguagem mais objetiva possível, para que seja acessível a todos, como é feito nas redes sociais, mas sem perder aquele brilho que a televisão tem”, comentou a jornalista.

O fato de Pollyane ser mulher, mesmo vivendo em uma sociedade machista, nunca foi um empecilho para a jornalista conquistar seu espaço no ambiente de trabalho e fora dele. Mesmo com uma postura firme e decidida, por trabalhar em uma TV aberta e estar à frente de um jornal, surgem questionamentos como “essa menina tem conhecimento mesmo sobre o assunto?” e por ter um rosto mais delicado, projetam uma imagem de fragilidade. Pollyane compartilha que sente que as mulheres estão conquistando mais ambientes na comunicação, mas em muitos espaços ainda têm dificuldades em expressar a voz.

Sempre disposta a encarar novos desafios, a jornalista também se aventura no mundo do empreendedorismo. Com intuito de auxiliar na construção de marcas pessoais, criou a agência Moving Comunicação, que traz um olhar particular, apresentando a importância do marketing e conteúdo digital. Além da atuação direta nas redes sociais, a agência busca apresentar aos clientes a importância de conhecer o público-alvo e a forma de se comunicar no universo digital.

“Quando eu percebi que muita gente tinha muita coisa boa para falar, tinha uma narrativa importante a ser ouvida, quando digo isso é principalmente as mulheres que tem uma vertente de liderança muito forte, que podem perfeitamente exercer um cargo político, mas essa voz não é ouvida, não é retweetada, porque às vezes a pessoa não sabe trabalhar sua comunicação pessoal, como atingir seu público através da sua oratória, através do que você veste e que tudo na sua comunicação tem uma intenção. Eu acho que dar voz a essas pessoas foi o que criou a Moving, o desejo que essas pessoas sejam ouvidas nos espaços corretos e que sejam lideranças também. Então, eu acho que a Moving nasceu a partir disso” afirma.

Ao pensar no futuro profissional e pessoal, Pollyane é enfática

ao se imaginar ainda na área da comunicação. Continuando sua caminhada no telejornalismo, se vê muitos anos trabalhando na área, comunicando com compromisso e idoneidade. Além de continuar ajudando outras pessoas, com a comunicação pessoal e oratória, através da Moving Comunicação. "Estarei trabalhando com comunicação com certeza, não tem mais jeito, porque já tenho 34 anos e desde os 8 anos trabalho na área da Comunicação, já é algo que faz parte de mim", concluiu.

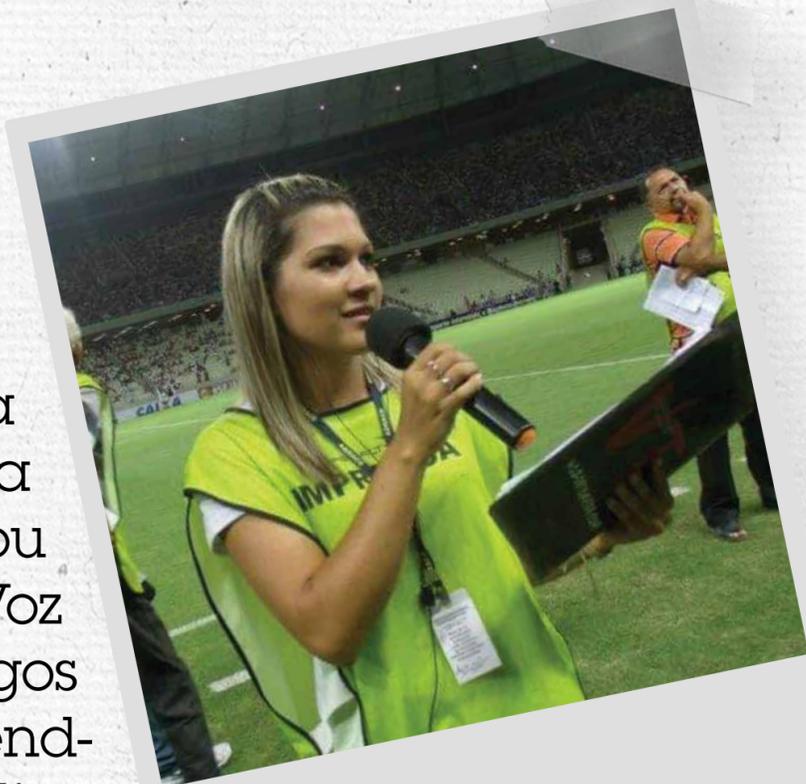


*Dollyane
Mcendes*

IZABEL RODRIGUES

AVENTURAS E DESVENTURAS NO MUNDO ESPORTIVO

Sertaneja arretada e torcedora assumida do Nacional de Patos, a repórter esportiva Izabel Rodrigues saiu de Patos para cursar Rádio e TV em João Pessoa e fortaleceu a paixão pelo futebol. A história dela com o jornalismo esportivo começou ainda na universidade, através do Voz na Torcida, um portal feito por amigos que realizava transmissões independentes das partidas de futebol no rádio e que se tornou uma webrádio de referência no jornalismo esportivo. Durante essa experiência Izabel se descobriu como repórter.



A desenvoltura para comunicação surgiu ainda como uma torcedora ativa, através de grupos no Orkut e a paixão pelo Nacional de Patos. Por gostar de futebol, a repórter sempre estava acompanhando o time de perto e mantinha a comunicação com outros torcedores. Diante desse interesse constante, as pessoas perceberam que Izabel levava jeito para a área da comunicação.



“Fui para João Pessoa para estudar, antes de fazer Comunicação comecei a cursar Turismo, mas não me via na área e queria mesmo Comunicação. Me descobri querendo Comunicação através de torcedores, era no tempo do Orkut ainda, tínhamos grupos sobre futebol e eu era muito ativa nesses grupos. Teve um jogo que o Na-

cional de Patos, ia jogar contra o Internacional de Porto Alegre na Copa do Brasil e eu estava conseguindo informações do Internacional através de torcedores, que tinham contato com a imprensa de lá. Eu usava essas táticas para falar com um amigo, um colega lá de Porto Alegre, que me conseguiu essas informações e colocava no grupo do nacional. Com isso, um menino me disse que eu devia ser jornalista, porque conseguia os furos do time do Inter e, nisso, comecei a pensar que daria certo”, compartilhou.

Ainda na graduação, a repórter se imaginava atuando na televisão, mas iniciou a caminhada através do rádio. No Voz na Torcida, pôde vivenciar a experiência de trabalhar escrevendo, mas o que realmente gostava era de trabalhar com a voz. Após se formar em Comunicação e se ver sem oportunidade na área, Izabel decidiu buscar outras oportunidades e fez o ENEM para iniciar outro curso.

Quando passou para Medicina Veterinária, a repórter voltou à cidade natal e ainda chegou a cursar quatro períodos. Mesmo se identificando com o curso, continuava buscando trilhar o caminho no jornalismo esportivo e sempre se mostrava solícita apresentando o trabalho para as emissoras de televisão. Em setembro de 2019 surgiu uma oportunidade na rádio CBN, em Campina Grande, para ser setorista do Campinense Clube e vivenciar a experiência de acompanhar de perto o dia a dia do time.

“Eu queria novos ares e dei uma pausa na comunicação, porque naquela época me vi sem oportunidades, via muitas promessas ‘você é boa’ e ninguém me dava oportunidade. Aquilo me fez entrar em uma depressão por ser boa e não ter oportunidades, a cabeça da pessoa borbulha e, com isso, fiz a prova do ENEM de novo, passando para Medicina Veterinária, em Patos. Bem no início do curso engravidei, ainda fui até o quarto período, mas não deu para conciliar por ser em período integral. Meu marido é aqui de Campina e não podia ir para Patos, por estar terminando o curso dele e eu estava estudando com minha mãe me ajudando a cuidar do nosso filho, que já estava com dois anos. Bem de forma despretensiosa sempre mandava uma mensagem para Expedito Madruga, o chefe de esporte da Rede Paraíba de Comunicação, e me deixava de prontidão para quando surgisse

uma oportunidade. Quando foi em setembro de 2019, quando já estava pensando em voltar para Campina, apareceu uma vaga na rádio CBN para ser setorista do Campinense Clube, para cobrir o dia a dia do time e Expedito me ofereceu a vaga”, relembrou a repórter.

Com a entrada na rádio CBN, as portas foram se abrindo e as oportunidades aparecendo. Vivenciando a experiência de trabalhar em três áreas do jornalismo na Rede Paraíba, a repórter se tornou uma profissional multiplataforma, passando a atuar no rádio, portal de notícias esportivas (Globo Esporte Paraíba) e televisão (TV Paraíba, afiliada Rede Globo), levando informações sobre o jornalismo esportivo. Por ter iniciado a carreira no rádio, sente a diferença na escrita do texto para o webjornalismo e telejornalismo.

A caminhada dela no telejornalismo é recente, mas Izabel está buscando aproveitar cada oportunidade e interligar as experiências profissionais nos veículos com as redes sociais. Ao mostrar o rosto como uma das profissionais atuantes no jornalismo esportivo da Paraíba, a repórter começou a trabalhar mais o lado profissional nas redes sociais. Com a entrada na televisão, passou a compartilhar mais sobre suas experiências profissionais no Instagram, mostrando as coberturas esportivas que realiza e também as matérias que produz para o Globo Esporte.

O Twitter também é uma rede social onde a repórter está presente, expondo opiniões sobre o universo esportivo e compartilhando também o próprio trabalho: “O Twitter, para gente que trabalha com jornalismo esportivo, é a plataforma mais forte que tem, porque quando você descobre um furo e publica lá é instantâneo. É tanto que meu Twitter é mais forte em audiência. Até pouco tempo atrás meu Instagram era fechado por eu ter muito receio dos haters e era muito pessoal. Tenho um filho pequeno e não queria expor, mas quando comecei na TV, há mais ou menos um ano, foi uma cobrança dos meus superiores para abrir o Instagram, para mostrar mais meu lado profissional. Arquivei algumas fotos, passei a expor meu filho, mas só para os melhores amigos. Comecei a colocar fotos dos jogos que trabalho, estou fazendo a transição do perfil pessoal para o profissional, mas no Twitter é só

sobre futebol e ali é uma opinião minha mesmo”, afirmou.

A repórter superou os desafios de atuar em uma área predominantemente masculina. Ao começar a trabalhar nas coberturas esportivas em 2011 no rádio, Izabel precisou superar as beiras do machismo e conquistar espaço em meio aos profissionais mais antigos que inventavam histórias para desacreditar o trabalho dela. As idas aos estádios sempre era algo muito difícil, fazendo questionar a competência e abalando o emocional da repórter.

Apesar de ter enfrentado tantos desafios, a caminhada na comunicação foi fortalecida e o trabalho cada vez mais reconhecido. Durante a cobertura do Paraibano 2023, Izabel foi uma das cinco repórteres que atuaram trazendo informações, realizando entrevistas e participando de forma ativa no decorrer de todo o campeonato na Rede Paraíba de Comunicação. Além de cobrir o futebol paraibano, a repórter produz conteúdos sobre outros esportes como, por exemplo, basquete.

“Atualmente eu não estou sofrendo tanto, mas no começo sim. Eu comecei no rádio em 2011 e não tinha mulheres, era eu e ali tinha muitos colegas que chamamos de ‘os dinossauros do rádio’, que era o pessoal mais antigo, com mais de sessenta anos. Quando eles viam que pessoas jovens estavam entrando, se sentiam ameaçados e quando tinha uma mulher, era quando se sentiam mais ameaçados. Inclusive, fui vítima de mentiras naquela época, inventando que eu tinha relacionamentos amorosos com dirigentes e jogadores. Aconteceu isso tudo comigo, de sair de jogo chorando e sempre fui e voltei de jogo com meu marido, e ele nunca se importava, ele já sabia que isso era o machismo estrutural que existe. Mas me abalava muito, eu chorava e dizia que não queria mais. Até que os meninos da equipe falavam para ter calma e não me abalar, reforçando como estavam se sentindo ameaçados por ter gente nova entrando e também mulheres”, compartilhou Izabel.

Desde o início da carreira profissional, a repórter vivenciou muitas histórias que a marcaram. Um desses momentos foi a cobertura do título do Campinense Clube na Copa do Nordeste, em 2013, ainda pelo Voz na Torcida, onde participou da cobertura de

praticamente todos os jogos do campeonato. No decorrer das coberturas, Izabel atuou como repórter e relembra a emoção de acompanhar de perto o crescimento do time.

“Cobrimos quase todos os jogos e eu fui a repórter em todos, teve jogo aqui em Campina Grande, Maceió, Arapiraca e Fortaleza. Estava confiante acreditando que passaria acompanhando de pertinho todos esses jogos, chegando na final e ver o Estádio Amigão todo lotado. Eu lembro como se fosse hoje, estava nervosa e mesmo não torcendo pelo time, acabamos nos envolvendo emocionalmente. Chegar cedo no estádio e ver as arquibancadas lotadas, com a imprensa de fora e todos os olhos voltados para essa final me marcou muito”, recordou.

O ano de 2013 foi muito especial para Izabel, marcado pela cobertura dos títulos do Botafogo e Campinense. Por ter sido tão marcante, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Rádio e TV da repórter foi um documentário sobre essas conquistas para o futebol paraibano e também para ela enquanto profissional da área. Recentemente, também marcou de forma especial a primeira transmissão no Sportv e a primeira apresentação no Globo Esporte Paraíba, programa esportivo da TV local.

*Izabel
Rodrigues*



SAMARA FERNANDES

A JOVIALIDADE E A ROTINA DIGITAL NOS BASTIDORES DO TELEJORNALISMO

Com uma história de vida que nos emociona ouvir e um grande exemplo de determinação, a jornalista Samara Fernandes conta, com orgulho, um pouco da trajetória de vida e profissional. De família simples, começou a trabalhar desde os quinze anos na Feira Central, com a irmã, para ajudar em casa, e quando iniciou a graduação, em 2010, precisou conciliar os estudos com o trabalho e superar os desafios para conseguir concluir o curso. Mesmo diante das dificuldades, a jornalista sempre se dedicou a tudo que propõe fazer.

“Ao sair de casa pela manhã já levava minha bolsinha com a marmitta e roupa da universidade, porque passava o dia inteiro fora de casa e não tinha condições de voltar, por não conseguir arcar com os custos. Eu ia para a loja, tirava as duas horas de almoço na própria loja, aproveitava esse tempinho para estudar para alguma prova, ler um livro, fazer um trabalho da universidade, que era o tempo que eu tinha. Quando saía, no fim do expediente, trocava de roupa e ia correndo para a universidade. Enfrentei muitas dificuldades e desafios nesse período. Não era fácil por já chegar cansada, muitas vezes chegava atrasada e



tenho a sorte de ter tido professores que entendiam, todos eles sabiam que eu trabalhava e fazia de tudo para não levar falta. Sempre fui aquela aluna comprometida mesmo, nunca perdia uma cadeira e, sequer, fui para uma final de alguma disciplina. Tive dias de não poder ir para a universidade, por não ter dinheiro para pagar a passagem, muitas vezes as xérox do material era uma colega de sala que me ajudava e emprestava”, relembra.

No segundo ano na universidade, Samara começou, de fato, a viver o mundo acadêmico e aproveitou todas as oportunidades. Ao ver seus colegas se encaminhando na área, a jornalista passou por uma crise emocional, questionando se estava no lugar certo, por não ter se encaixado em atividades extras na universidade e também em trabalhos na área. Com o auxílio da mãe, conseguiu se reencontrar no curso e vivenciar experiências que a marcaram.

“Eu coloquei em xeque a profissão que tinha escolhido, pensando o que estava fazendo ali e bateu aquela crise, por muitas vezes, achando que não iria mais gostar do curso, desmotivada, e por um tempo isso permaneceu por ali. Recebi conselhos da minha mãe, que sempre foi uma mulher muito sábia e uma pessoa que sempre me incentivou muito, se estou aqui hoje devo também muito a ela. A gente sempre conversava muito e ela começou a me questionar: “Samara, você tem que buscar algo na sua área, porque se você não for, quando terminar o curso, vai ficar mais difícil ainda, por não ter nenhuma experiência. Você está lá no comércio e eu entendo que precisa trabalhar, mas saiba que em casa nunca vai faltar um prato de comida, uma roupa”.

Na mesma época, houve a transição do Departamento de Comunicação Social (DECOM) da UEPB, para um novo prédio que fica no bairro Bodocongó, em Campina Grande. Isso dificultou a ida de Samara para as aulas por causa da distância. Mesmo assim, Samara não desistiu: “Quando foi em 2013, na metade do ano decidi sair do trabalho. Já tínhamos saído do aluguel, meu pai conseguiu terminar a casa que a gente estava construindo. A casa não era rebocada, era um piso grosso de cimento. Não tinha computador, sempre fui uma estudante da rede pública que não tinha acesso à leitura. Não tinha os recursos que outros estudantes

tinham na época, mas isso nunca me fez desistir e mesmo que estivesse desmotivada não iria desistir, porque quando pego algo para fazer vou até o fim. Sabia mesmo que, se não fosse seguir na área, queria concluir, porque sempre vou até o fim em tudo que começo”, compartilhou emocionada.

Ao decidir sair do trabalho e aproveitar a graduação, começou a participar de projetos de extensão e também de monitoria. Um dos projetos que a jornalista participou foi o Repórter Junino, na qual os alunos durante o período do São João fazem a cobertura jornalística completa no Parque do Povo e também nas festividades circunvizinhas. Além de adquirir experiência em coberturas jornalísticas, Samara também vivenciou a monitoria na área do radiojornalismo e participou do curso de extensão em Língua Espanhola.

A história dela com o telejornalismo iniciou no último ano da universidade, após algumas tentativas de conseguir estágio. Em dezembro de 2013 abriu a seleção de estágio no Serviço Social do Comércio (SESC) e na TV Borborema, afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) em Campina Grande. Sem pensar duas vezes, a jornalista se inscreveu para eles e em janeiro de 2014, quando o resultado saiu, havia passado para as duas vagas. Diante da aprovação em ambas as vagas, Samara optou por iniciar na TV Borborema.

“Comecei a fazer seleção de estágio, fiz a primeira, a segunda e a terceira, mas não deu certo. Estava chegando o fim do ano, começou a bater o desespero, senti o peso de não ter, infelizmente, aproveitado o tempo da graduação antes. Deus é maravilhoso, no fim do ano vieram essas seleções de estágio, escolhi vir para TV Borborema e foi quando começou minha trajetória no telejornalismo”, lembrou.

A jornalista iniciou o percurso na emissora através da produção, sem muitos aparatos tecnológicos e com algumas limitações. Quando chegou à TV Borborema estavam implementando o uso do Facebook, onde os telespectadores participavam como web telespectadores, sugerindo pautas e também interagindo com a equipe. Diante do avanço da tecnologia, os telespecta-

dores se tornaram consumidores ativos.

Com uma participação mais ativa dos usuários das redes sociais, as cobranças passaram a ser mais presentes através dos telefones e do WhatsApp da redação. Depois do estágio, veio a contratação, a emissora abraçou a jornalista, agora formada, que atualmente trabalha como editora no programa Hora do

Povo. Trata-se de um programa local, que aborda pautas comunitárias e mostra a realidade de muitos bairros carentes da cidade. A partir da inserção do WhatsApp na redação, diariamente chegam dezenas de mensagens e na maioria das vezes, é impossível atender todas as demandas, diz Samara.

“No WhatsApp da Hora do Povo, a gente recebe centenas de mensagens e é difícil também você atender a todas essas reivindicações, sentar e olhar uma por uma, analisando caso a caso, checando cada um. Não é porque o smartphone está na mão de qualquer pessoa que vamos pegar tudo que chega e vamos jogar no ar sem checar, o papel do jornalista continua o mesmo, independente da tecnologia, que é o compromisso maior com a veracidade, precisamos checar a informação e ouvir também os dois lados de cada história. Nosso papel continua o mesmo, temos que realmente checar a informação e ir em busca mesmo de ouvir o outro lado”.

Imersos na era do ciberespaço e com a facilidade dos smartphones, as mudanças nas produções jornalísticas estão cada vez mais fortes no telejornalismo. Samara compartilha que os avanços tecnológicos trouxeram muitas coisas positivas, como: mudanças na forma de produzir matérias e também na agilidade de transmitir as informações. Além de trazer mudanças na produção, a

jornalista ressalta a nova realidade dos videorepórteres (VRs) nas redações.

“A tecnologia e a chegada dos novos equipamentos ajudaram demais, porque antes não tínhamos, por exemplo, o uso do VR. Com um celular, o repórter consegue fazer a reportagem com esse aparelho e é muito mais fácil. O repórter sai, leva seu aparelho, monta o tripé e grava um Stand UP¹. Rápido, prático e otimiza o tempo. Se antes precisava sair para fazer um VT, o repórter hoje com esse equipamento consegue fazer três, quatro e cinco Stand UPs de uma vez sozinho. Consegue também colocar entradas ao vivo dentro do programa com ele, utilizando esse recurso do VR. Sem dúvidas a tecnologia chegou para ajudar muito a gente não só nesse sentido de aparato tecnológico, mas também na produção de conteúdo”, compartilhou a jornalista.

Com a inserção das redes sociais nas redações, as produções de conteúdo começaram a ser adaptadas também para esse público. Na redação da TV Borborema, a produção de conteúdos²transmídia e³crossmídia já é algo do dia a dia dos profissionais, tendo uma aproximação maior com os telespectadores e também usando as mídias digitais para divulgar conteúdos da programação da emissora. Além de abordar temáticas que são exibidas no canal, também compartilham momentos de descontração na redação.

Como uma das formas de se comunicar, os profissionais passaram a criar grupos no WhatsApp para colocarem sugestões de pauta, tomar algumas decisões e também facilitar a comunicação como um todo. Samara compartilha que no início algumas pessoas tinham resistência diante da nova realidade, não utilizavam o aplicativo e ficavam de fora dos assuntos discutidos através do grupo criado.

“Agora, está sendo mais tranquilo do que imaginávamos. A gente tem no quadro de funcionários a presença muito forte de estagiários, a TV Borborema contrata muito estagiário, e essa galera é justamente que está saindo da universidade com essa vivência do mundo digital e estão trazendo tudo isso para cá. Ainda temos

¹Stand Up: passagem para encerrar uma matéria ou para noticiar algum fato que não necessite de imagens.

²Transmídia: compartilhamento da mesma mensagem transmitida na TV em diferentes plataformas.

³Crossmídia: a produção da mesma temática para plataformas digitais e com linguagens diferentes.

profissionais que estão aqui há muitos e muitos anos e que talvez não conheçam essa nova realidade, quando esses estagiários chegam trazem muita criatividade, com a linguagem e a vivência da internet ajudando muito no processo. As coisas foram acontecendo muito de forma natural aqui na TV, passamos a transmitir a programação toda ao vivo no Facebook e depois também migramos para o YouTube, divulgamos também nossas matérias no Instagram. São diversos públicos, a TV está presente e tenta atender a todos os públicos. Hoje compreendemos claramente que não temos apenas o público só da televisão, temos também o público que está ali nas redes sociais e que são públicos diferentes. Nas redes sociais temos muito um trabalho de bastidores, onde tentamos chamar a atenção desse público através dos bastidores que é algo diferente que não vemos na televisão”, compartilhou.

Por estar na função de editora, Samara tem a liberdade e a autoridade para guiar os conteúdos como desejar. Diante dessa autonomia, surgem questionamentos sobre os motivos das escolhas, e algumas vezes acaba sendo exposta diante dos outros colegas em situações que poderiam ser tratadas de forma particular. Além de também vivenciar uma sobrecarga, sendo nítido que é algo corriqueiro. Mesmo diante dos avanços na sociedade, a desigualdade de gênero ainda é algo nítido no ambiente de trabalho e fora dele. Por ocupar um cargo superior a outros colegas, a jornalista vivencia na pele e no dia a dia a diferença de tratamento entre ela e os colegas homens. Apesar de não vivenciar a desigualdade salarial, convive com questionamentos sobre sua competência e também a diferença de tratamento.

“A gente vê pessoas que não respeitam a hierarquia pelo fato de você ser mulher, pessoas que desqualificam seu trabalho, um colega de trabalho diante de uma simples situação de uma entrada ao vivo de um repórter, quando você leva a sugestão, ele começa a desqualificar, não quer fazer, se recusa e simplesmente pelo fato de você ser mulher, porque não existe outra desculpa ou justificativa. Já aconteceu caso de uma redação inteira concordar com aquela entrada ao vivo, de ser discutido em uma reunião de pauta, um assunto quente e que tem um desdobramento que precisávamos fazer por ser de interesse público e o repórter dizer que não ia fazer ‘por ser ridícula’ a sugestão da equipe”, compartilhou.

Com uma caminhada de sete anos na área do telejornalismo, Samara já conheceu e vivenciou histórias que lhe marcaram, boas e ruins, como em qualquer outro ofício. Trabalhando diariamente no Hora do Povo, contando histórias de superação, de dificuldades e de personagens que devolvem trabalhos sociais para ajudar outras pessoas, é impossível escolher apenas uma e todas a marcaram de uma forma especial mesmo diante de tantas histórias únicas.

Ao pensar em um futuro pessoal e profissional, a jornalista se projeta continuar trabalhando com o jornalismo. Paralelo ao trabalho na televisão, vivencia a jornada em ser empreendedora ao lado do noivo e se vê dividida entre as duas profissões, mas diz que pretende continuar investindo nas duas coisas que ama.



Samara Fernandes

MICHELE WADJA

VIDA DE REPÓRTER EM COBERTURAS INTERNACIONAIS

Vinda do interior de Pernambuco, ainda nova e cheia de sonhos, a jornalista e professora Michele Wadja começou uma aventura no universo do jornalismo em terras paraibanas e encontrou um lugar para vivenciar grandes momentos da vida. Define-se como uma pessoa curiosa e uma eterna aprendiz. Começou a contar a história de uma menina que veio em busca de novas oportunidades e se descobriu através do curso de Jornalismo.



Guiada pela paixão por escrever, se identificou com a profissão e, conhecendo a escrita jornalística, soube que gostaria de seguir por esse caminho. Quando criança, fazia da barbearia do avô um estúdio onde brincava de apresentar telejornal, mas entrou na universidade desejando trabalhar em revistas. Foi durante uma greve de seis meses na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que Michele teve a primeira oportunidade no telejornalismo.

Relembrando o passado, contou como foi esse período, onde vivenciou um estágio na cidade de São Luís - MA e tendo um contato maior com a área do telejornalismo, teve convicção que queria seguir por esse caminho. "Comecei a estagiar em 2001 em televisão, na TV Mirante, em São Luís, afiliada da TV Globo. Foi um intervalo que teve



greve na Universidade Estadual da Paraíba e passei seis meses lá. Foi lá onde descobri que era isso que queria”, relembra a jornalista.

Nos últimos períodos da universidade, Michele vivenciou uma rotina onde se dividia entre as cidades de Caruaru - PE e Campina Grande - PB. Entre um novo estágio que iniciou na TV Asa Branca, em Pernambuco, e as aulas na universidade, na Paraíba, a jornalista ia aos poucos se cativando cada vez pelo universo do telejornalismo. Assim que concluiu o curso, foi efetivada e passou três anos na televisão. No entanto, em busca de novas oportunidades, Michele decidiu pedir demissão e tentar uma especialização fora do país.

Após dois anos tentando ingressar em uma especialização, conseguiu uma vaga na Universidade Ramon Llull, na Espanha, em 2005, e lá começou uma relação duradoura com a Copa do Mundo. Como a menina sonhadora que saiu de Pernambuco em busca de novos desafios, Michelle aproveitou o período que estava na Espanha e começou a produzir conteúdo relacionado à Copa do Mundo na Alemanha que seria realizada em 2006. Através de um contato que fez com um diretor de uma emissora em Pernambuco, Michele começou a produzir videoreportagens voltadas para o jornalismo esportivo e temas internacionais, enviando boletins para as rádios e televisões, sendo correspondente internacional em seu primeiro ano em Barcelona.

“Quando consegui a bolsa, coincidentemente a rádio Liberdade de Caruaru estava indo para Copa do Mundo, o diretor comprava os direitos de transmissão pelo rádio e ele mandava uma equipe própria. Entrei em contato com ele, avisando que estava indo para Espanha, em 2005, e me disponibilizei para ir para Alemanha em 2006, mas comecei a produzir conteúdo pré-copa, ainda em Barcelona, sendo a correspondente da rádio Liberdade de Caruaru, da Rede Estação Sat de Recife e a Rádio Difusora de Alagoas, que juntas fizeram um projeto chamado Rede Integrada da Copa”, compartilha Michele.

Sem muitos aparatos tecnológicos e com uma mochila enorme nas costas, relembra a primeira experiência como videorepórter, em dezembro de 2005. Com os equipamentos próprios, ela pro-

duziu a primeira reportagem, que posteriormente se tornou uma série de reportagens, sobre uma das cidades sede do mundial na Alemanha que iria receber os jogos durante a copa. Após a edição do primeiro vídeo, a jornalista ofereceu o material às emissoras e conseguiu produzir mais onze episódios contando a história das cidades que sediaram os jogos da Copa na Alemanha.

O entusiasmo e a paixão pela Copa, guiaram Michele para outras coberturas jornalísticas. Em 2010, ela sentiu de perto a adrenalina dos amistosos na África do Sul, atuando como videorepórter e conhecendo mais sobre a cultura africana. A jornalista também participou da cobertura da Copa do Mundo na Rússia, em 2018, mas trabalhou em parceria com o colega Pedro Canísio, de Campina Grande, e juntos vivenciaram a experiência de produzir conteúdo esportivo.

Com uma mochila grande e sua câmera filmadora, Michele recorda algumas histórias que vivenciou e compartilha como elas lhe marcaram. Na Alemanha, pôde conhecer de perto a história do Holocausto, se emocionando ao sentir como aquele período foi difícil e vendo a importância das mudanças que aconteceram no país. Outro momento marcante para ela foi na África do Sul, onde presenciou como o apartheid marcou tanto a população negra e a forma que ainda vivenciam a realidade mesmo após anos do fim do apartheid.

“Teve uma cena na África do Sul que eu nunca esqueço, foi quando a gente foi em um dos shoppings populares de Joanesburgo que é frequentado só por negros, porque acabou o apartheid e fomos em praças, inclusive que fizemos reportagens, mostrando que, naqueles lugares, naquela praça e naquele banco só sentavam brancos, os negros não podiam passar por lá e se passassem seriam presos. Foi fortíssimo ver isso, porque décadas depois entrar em um shopping enorme de quinze andares, e eu ser a única pessoa branca, porque aquele espaço ainda é frequentado apenas por negros. Isso me chamou a atenção, porque as pessoas passavam e olhavam muito para mim, identificava como jornalista por estar com os equipamentos, mas foi uma coisa muito chocante por presenciar essa realidade mesmo após o fim do apartheid”, relembrou a jornalista.

Cada Copa do Mundo que participou tem um significado especial, mas a da Rússia lhe proporcionou o caminho para um novo recomeço. Após vivenciar um ano turbulento e conseguir conciliar com o doutorado, a jornalista recorda com um significado pessoal deste momento, onde retomou as coberturas na Copa e experimentou uma nova realidade de produção de conteúdo. Através do smartphone, vivenciou a primeira experiência de um ao vivo para uma emissora de televisão no exterior e o aspecto de estar bem consigo mesma trouxe mais importância para o momento.

Apesar de gostar da área de jornalismo esportivo e de futebol, e de viver muitas experiências em coberturas esportivas, pelo sim-

ples fato de ser jornalista e mulher, escutava questionamentos sobre a própria capacidade e, muitas vezes, observava que não existia o mesmo comportamento com os homens. "Eu escutei muito lá atrás e hoje está menos, mas no começo quando trabalhava ainda na TV Asa Branca e gostava de cobrir futebol, escutava com frequência 'você entende de futebol?' ou 'sabe o que é um impedimento?'. Eram perguntas clássicas que não faziam muito sentido", compartilhou.



Apesar das adversidades, não baixou a cabeça e além da área do telejornalismo, a profissional também se encontrou no universo acadêmico. Recém doutora pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Michele vivencia a realidade da sala de aula com um brilho nos olhos e tem a memória afetiva de retornar como docente para a universidade onde se formou. Atualmente, está como professora substituta do curso de Jornalismo, mas tem o desejo de ser efetivada.

Mesmo durante as experiências nas Copas que já participou, ela sempre estava vivenciando uma etapa diferente na

profissão. Ao ser perguntada onde se imagina daqui a 5 ou 10 anos, Michele responde com um olhar sonhador e compartilha que se imagina futuramente ainda no meio acadêmico.

“Nesse caminho que falei de Copa e nas interações todas, sempre estava estudando. Na África do Sul estava no mestrado, na Alemanha na especialização e na Rússia no meio do doutorado. Essa vida acadêmica sempre foi uma coisa que quis seguir, nos próximos cinco e dez anos quero estar tranquila, ter passado em um concurso para efetivo, estar quietinha e tranquila, fazendo projetos que são possíveis quando se é efetivo. Seguir curiosa, me interessando pelo o que é novo e pelo o que tem diferente agora”, idealiza Michele.

Michele
Wadja



LÍDICE PEGADO

VIDEORREPORTAGEM E A NOVA GERAÇÃO DO JORNALISMO

Recém formada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em abril de 2022, a jornalista Lídice Pegado, de 26 anos, estava vivenciando dois momentos únicos na vida: a formatura e o casamento com o homem que ama. Apesar de ter recebido há pouco tempo o título de bacharela, a história com o telejornalismo começou ainda no estágio, trabalhando nos bastidores da redação da TV Paraíba (afiliada à Rede Globo) e acompanhando de perto a rotina dos colegas. Dessa vez, assumindo o papel de entrevistada, de personagem, ao ser perguntada quem era, se descreveu como uma pessoa altruísta e que gosta de ajudar o próximo.

Ainda no ensino médio, Lídice queria seguir em outra área e continuar o legado da sua família. A jornalista observava a rotina do pai como administrador de empresa, se interessando cada vez mais pela profissão do pai e se dedicando para conseguir seguir os passos dele na área da administração. Após vivenciar uma experiência na área, relembra que se sentiu inquieta sabendo que não queria seguir por esse caminho e conheceu o jornalismo.



“Meu pai é administrador de empresas, tem uma empresa e quando eu fazia o ensino médio a minha mentalidade era de estudar Administração para poder tocar a empresa com ele. Um dia decidi ir tra-

balhar com ele e foi a pior experiência da minha vida e foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, porque vi que, se fizesse Administração, talvez não fosse tão realizada como sou no jornalismo. Depois de um ano trabalhando com ele em Sole-

dade, nas viagens sempre conversávamos muito e eu compartilhava o desejo de voltar a estudar. Comecei a pesquisar sobre as profissões, porque antes tinha em mente que queria cursar Administração e foi quando um tio me falou que eu tinha perfil para ser uma jornalista”, compartilhou com um olhar nostálgico.

A partir da observação do tio, Lídice começou a pesquisar sobre a profissão e desde o primeiro período se encantou com o curso. A jornalista relembra com um olhar sonhador, que desde as cadeiras teóricas se sentiu cativada pelo universo da comunicação e soube que estava no lugar certo. Com um sorriso no rosto, recordou que desde criança já gostava de futebol e após iniciar o curso se imaginava trabalhando na área do jornalismo esportivo.

Durante o segundo período da graduação, a estudante uniu a paixão pelo futebol e o jornalismo. Lídice teve a oportunidade de estagiar no caderno de esportes em 2018, tendo o primeiro contato com o jornal impresso no Diário da Borborema, na época, e reavivou o desejo de trabalhar na área esportiva. Após um tempo trabalhando com jornalismo impresso, surgiu uma oportunidade na TV Paraíba, iniciando sua relação com o telejornalismo e despertou uma afinidade com os bastidores da televisão.

Por ser tímida e não se achar boa em frente às câmeras, recorda que descartou, desde o início, a função como repórter. Ainda como estagiária na TV Paraíba surgiu uma vaga para repórter e auxiliada pelo editor-chefe da televisão que trabalha, iniciou o processo de preparação para a função e relembra que mesmo temerosa topou. Ao ser efetivada na emissora, começou a trabalhar como repórter e por já vivenciar a rotina nos bastidores da redação adquiriu um perfil de profissional multifacetada.

“Comecei, ainda no estágio, a exercer. Claro, a gente tem sonhos, eu sempre me vi muito nos bastidores do telejornal, me identifico muito com televisão e nunca me imaginei repórter, mas foi a porta que Deus abriu e a oportunidade que surgiu. Nessa oportunidade, hoje eu exerço uma função multifacetada, onde eu faço da produção à edição passando pela reportagem e não tinha como eu não me considerar uma pessoa profissionalmente feliz e realizada, porque antes queria algo que fosse dos bastido-

dores, produção ou edição, e tenho a oportunidade de exercer as três funções”, compartilhou a jornalista.

Logo após vivenciar o período de preparação, Lídice recorda que se sentiu desafiada ao receber a missão de ser pioneira na função de videorepórter na emissora. Com um olhar distante, relembra diversas situações hipotéticas que passaram pela cabeça dela e resgatou o sentimento de impostora que muitas mulheres sentem ao se verem conquistar as coisas no âmbito profissional e pessoal. Mesmo com toda a insegurança, topou vivenciar essa nova realidade do telejornalismo e recebeu um suporte do editor-chefe.

A partir do avanço da tecnologia, a realidade de videorepórter adentra cada vez mais nas redações e emissoras. Utilizando os aparatos tecnológicos da emissora, tripé e celular, Lídice realiza as pautas sem o auxílio do cinegrafista e, como uma profissional multifacetada, participa de todas as etapas da reportagem até a exibição no telejornal. Ao conhecer de perto a vivência de alguns colegas em outra emissora, exercendo a mesma função, a jornalista se sentiu mais segura para iniciar essa nova etapa profissional.

“Quando o meu editor-chefe me fez a proposta, eu iria ficar no lugar de outro colega e um mês depois veio a notícia que seria repórter com o celular. Na hora fiquei assustada, porque pensei logo que não daria certo, imaginando logo que seria assaltada e seria levado todo equipamento da televisão. A empresa me encaminhou para Natal, que já trabalha em um esquema de videoreportagem há 3 anos e eles lá têm três equipes de videorepórteres. Ao receber a notícia, fiquei assustada e não conseguia pensar em pontos positivos, mas, a partir da visita na emissora em Natal, consegui enxergar com outros olhos”, lembrou.

A nova forma de produzir matéria, também é uma nova realidade para a população e entrevistados. Por proporcionar autonomia ao profissional, Lídice compartilha com sorriso no rosto que algumas vezes as pessoas estranham a função do videorepórter e a produção através do celular. A partir de algumas experiências já vivenciadas, a jornalista ressalta que, por ser algo novo, as pes-

soas ainda estão conhecendo e acompanhando os resultados dessa nova função.

Por vivermos inseridos na era do ciberespaço, as redes sociais também se tornaram um lugar de comunicação. Vivenciando a realidade das produções transmídia e crossmídia, as redações passaram a produzir conteúdo voltado para as pessoas que estão inseridas nas mídias digitais e inserindo também os profissionais nesse novo contexto de produção. Através das redes sociais, os telespectadores passaram a ter uma participação mais ativa nos telejornais e se aproximar dos jornalistas.

Na emissora que trabalha, Lídice observa que as mídias digitais aproximam e geram certa intimidade com o público. A jornalista compartilha que as redes sociais também são lugar de sugestão de pautas, proporcionando mais interação com os telespectadores e também criam uma relação de proximidade com a população que está on-line. Para Lídice, apesar de proporcionar uma relação maior com as pessoas, as redes sociais se tornaram um lugar onde as pessoas expõem opiniões e algumas vezes acabam sendo evasivas: "Tem a questão da formação de opiniões, as redes sociais para os repórteres e para as figuras públicas acabam tirando um pouco dessa liberdade. Hoje a empresa cobra muito a gente em relação a posicionamentos, não devemos nos posicionar politicamente, nem em relação a religião e futebol, porque se as redes sociais são, por si só, geradoras de opinião, nós enquanto jornalistas temos esse papel de formadores de opinião e essa formação acaba sendo potencializada nas redes sociais. Na TV Paraíba existe esse cuidado e recomendação, que trabalhamos com a nossa imagem na televisão e precisamos ter o máximo de cuidado com esse tipo de exposição", compartilhou.

Carregamos um peso de desigualdade só pelo fato de sermos mulheres, muitas vezes sofrendo assédio na vida pessoal e profissional. Lídice recorda que vivenciou algumas experiências nesse sentido quando iniciou o estágio na área esportiva, as idas ao estádio eram repletas de piadas sem graça por parte dos jogadores e recebia mensagens pelas redes sociais quando descobriam o nome dela. Esse tipo de atitude só parou após conhecer o esposo, que na época era namorado, pois trabalhava no estádio onde ela

ia fazer as coberturas.

A jornalista observa que atualmente diminuiu um pouco esse tipo de situação, ressaltando a relação respeitosa entre os colegas da imprensa e o bom relacionamento fora do ambiente de trabalho. “Eu nunca passei por uma situação vexatória por ser mulher, graças a Deus, aqui nós temos uma imprensa relativamente pequena, todo mundo conhece todo mundo, a gente tem amizade com os repórteres da concorrência, até porque só somos concorrentes apenas no ar, fora do ar todo mundo é parceiro e colega de trabalho. Então, assim, todo mundo se conhece e se respeita muito”, enfatizou Lídice.

Com uma trajetória iniciada ainda enquanto estagiária, a jovem jornalista relembra que as histórias mais marcantes foram na área do jornalismo esportivo, quando era estagiária no jornal impresso e recorda a dificuldade que enfrentava para produzir conteúdo fora da temporada aqui em Campina Grande. Emocionada e com os olhos lacrimejados, contou uma história marcante de superação e que lhe ensinou muito:

“Eu nunca vou esquecer essa história, sai chorando e pensando: ‘meu Deus, sou muito privilegiada, porque tenho um teto, tenho comida e meus pais tem um emprego’. Tinham dois irmãos e o sonho deles era serem jogadores de futebol, um de 13 anos e outro de 15 anos, e tinha uma escolinha aqui que era da Perilima. Enquanto não tinham campo de treinamento, eles treinavam no campo da CAGEPA no Tambor. Esses meninos moravam no bairro Catolé e para treinar lá eles exigiam o mínimo de material que era uma caneleira, um tênis ou uma chuteira. Os meninos não tinham dinheiro para o material, mas eles precisavam ter o material para continuar treinando lá. O padrao deles era pedreiro e tinha uma maquina, eles pegaram um cano de PVC e utilizaram essa maquina para fazer as caneleiras. Compartilhavam que às vezes machucavam as pernas, mas ressaltaram que fazia isso por ser a oportunidade deles tentarem se tornar jogadores profissionais e ajudar a mãe deles a fazer feira. Eu fiquei ‘meu Deus, uns meninos com essa idade e uma mentalidade dessa não existe!’. Foi a história que mais me marcou até hoje, foi minha primeira matéria de capa e me orgulhou muito”, relembra emocionada.

Vivenciando a fase de recém-casada e formada há pouco tempo, Lídice compartilha como se imagina daqui a alguns anos. De forma entusiasmada e sonhadora, projeta metas para o âmbito profissional e pessoal. “Daqui a 5 anos me imagino ainda casada, mas sem filhos e daqui a 10 anos, já me imagino com filhos. Profissionalmente falando eu tenho um sonho e não sei se vou realizar, porque não depende só de mim, como sou casada depende muito da família que vou construir também, mas meu sonho é ir para Rede Globo não como repórter. Tenho vontade de ir trabalhar nos bastidores, é um sonho que tenho”, finalizou.



*Lídice
Degado*

Ivana
Isidro



O meu percurso profissional inicia na escolha da minha formação acadêmica. Em 2019 eu escolhi o curso de Jornalismo na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Naquele lugar eu pude conhecer mestras e mestres que marcaram a minha vivência como estudante. Também foi neste percurso que conheci pessoas que contribuíram para alcançar a minha reta final da graduação. Como universitária eu tive a oportunidade de adquirir experiência discente numa perspectiva holística tanto no ensino com atividades em sala, oficinas e promoção de palestras, como na pesquisa com a iniciação científica ou, ainda, na extensão universitária envolvida em projetos de extensão.

Mesmo atravessada pelos desafios da pandemia da COVID-19 durante a graduação, fui movida a compartilhar os meus conhecimentos com colegas através do perfil É Pauta no Instagram. Ainda no ano de 2021 eu me apresentava ao mercado de trabalho e buscava dialogar com os principais nomes do jornalismo local. Essa plataforma se constituiu como uma experiência pessoal para ir além do distanciamento social forçado pela pandemia. Essa iniciativa pessoal contribuiu para que eu pudesse participar do programa Geração Futura, da TV Futura, no Rio de Janeiro, aprofundando a minha experiência e habilidades com o audiovisual.

Seja no telejornalismo, no jornalismo digital, ou no impresso, ou em cada uma das minhas experiências acadêmicas, a escrita sempre foi algo que me cativou. A folha de papel é o lugar onde eu expresso a minha paixão pela profissão que escolhi estar. E foi esta motivação que me levou a escrever o Mulheres em Pauta: perfis de profissionais do telejornalismo de Campina Grande. Foi na sala de aula que vi na escrita de perfis jornalísticos o espaço de escrita para humanizar histórias de outras pessoas, de outras mulheres. Foi recortando histórias pessoais das jornalistas campinenses que busquei inspiração aos meus escritos que aqui estão.

Neste percurso eu busquei mostrar que Luci Lima, Sandra Paula Amorim, Waléria Assunção, Pollyane Mendes, Samara Fernandes, Izabel Rodrigues, Michele Wadja e Lídice Pegado fazem parte da construção da história do telejornalismo em Campina Grande - PB. Cada uma delas carrega experiências pessoais e profissionais, cada uma delas representa nós, mulheres estudantes, nós, mulheres jornalistas no mercado de trabalho, deixando sua marca por onde passa e reforçando que o nosso lugar é onde quisermos estar. Em cada entrevista realizada, bem como nos textos que aqui estão, me via enquanto mulher e jornalista trilhando o caminho profissional. Mulheres que inspiram.

O e-book Mulheres em Pauta é a minha contribuição como estudante para a UEPB, como também para entusiastas de boas histórias. Através dele eu deixo a mensagem às estudantes e futuras jornalistas que podemos conquistar o nosso espaço, seja no mercado de trabalho ou na área acadêmica. Por fim, desejo que este e-book ecoe por muitos espaços e que outras pessoas possam conhecer e se identificar com a história dessas profissionais.

Revisor de texto:

Magno Lisboa

Design da capa, projeto gráfico e diagramação:

Gabriel Barbosa

Tipologia Usada:

**ITC Lubalin Graph Std
Gilroy**

